

3 - MOEDAS GREGAS NA COLEÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (MHN) E AS PRIMEIRAS AMOEDAÇÕES DA ÁSIA MENOR.

Prof.^a Maricé Martins Magalhães¹¹⁷

1 - AS COLEÇÕES NUMISMÁTICAS DO MHN

A coleção numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN) teve origem em 1880, por obra do erudito Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e a própria Biblioteca foi a sua primeira sede. Posteriormente, em setembro de 1923, a coleção foi transferida para o Museu – ano de criação da Seção Numismática propriamente dita – e já em 1927 era considerada a maior do Brasil ¹¹⁸. Atualmente possui mais de 131.000 peças, entre as quais moedas gregas (mais de 1.900 exemplares) e romanas (cerca de 7.500 exemplares), e é considerada hoje a mais importante no seu gênero na América Latina.

Esta monumental coleção constituiu-se por meio de importantes legados (como o do Comendador Antônio Pedro de Andrade em 1921 – 13.941 peças), de aquisições (coleção Pedro Massena, 1924 – 22.608 peças), ou ainda através da transferência de outros entes públicos por deliberação do Governo Federal (por exemplo, do Arquivo Nacional em 1924, do Museu da Marinha em 1927, e do Ministério das Relações Exteriores, em 1934). Além das moedas da chamada “Coleção de Antiguidades Greco-Romana”, e de exemplares provenientes de todos os continentes e períodos históricos (até os nossos dias), a coleção inclui o grupo mais significativo que se tenha notícias, de

¹¹⁷ Instituto de História / UFRJ

¹¹⁸ POLIANO 1946, p. 19; VIEIRA 1995, p. 99.

peças do próprio Brasil, constituído por moedas, medalhas, insígnias, jetons, provas de cunho, ensaios, cunhos e punções ¹¹⁹. Enfim digno de nota é ainda um legado da coleção de D. Pedro II, oriundo do Museu Nacional (em 1896, “Coleção D. Pedro de Alcântara”, cf. 1º Livro de Registro), composto de 1.593 moedas e 545 medalhas, sendo 1.212 peças brasileiras ¹²⁰.

A coleção do Departamento de Numismática conserva-se atualmente na chamada “Casa do Trem” (isto é, “de Artilharia”), um edifício datado ao século XVIII, que por sua vez faz parte de um grande complexo arquitetônico ocupado pelo inteiro Museu, cujo núcleo inicial foi construído em 1603, como a Fortaleza de Santiago (**Figura 1**). Atualmente 3.000 de suas moedas compõem a Exposição Permanente intitulada *As Moedas Contam a História*, inaugurada em 2002, sob a curadoria do Prof. Luiz Aranha Corrêa do Lago.

A coletânea apresentada neste volume é composta, em sua maior parte, por peças pertencentes ao legado do Comendador Antônio Pedro de Andrade, “o maior doador individual da coleção numismática” ¹²¹. Este grande colecionador era de origem portuguesa, nascido em Funchal (capital da Ilha da Madeira), em 1839. Emigrou para o Brasil aos dezesseis anos (1859), e no Rio de Janeiro trabalhou como jornalista do Correio Mercantil e, mais tarde, no Jornal do Commercio. Posteriormente conseguiu “colocação superior” no Banco do Mauá, passando em seguida a gerente no Banco Commercial do Rio de Janeiro, por nomeação de seu então diretor, o Conde de São Salvador de Mattosinhos. Mais tarde foi eleito diretor e presidente do mesmo estabelecimento bancário, cargo ao qual renunciou anos depois, para percorrer quase toda a Europa, Estados Unidos e Oriente. Sabemos ainda que transcorreu seus últimos dias no Rio de Janeiro, dedicando-se às suas coleções de minerais, selos, moedas e medalhas. O ilustre

¹¹⁹ POLIANO 1946, pp. 20-219; VIEIRA 1995, pp. 101-106.

¹²⁰ POLIANO 1946, pp. 15-16; Vieira 1995, p. 99.

¹²¹ VIEIRA 1995, p. 100.

numismata foi ainda casado com a Sr^a Luiza Henriqueta Ferreira de Andrade desde 1860, e legou sua não menos valiosa coleção filatélica ao neto, Dr. Antônio Pedro de Andrade Muller ¹²².

A sua coletânea de moedas e medalhas, deixada como legado à Biblioteca Nacional por meio de testamento após a morte em 31 de maio de 1921 ¹²³, foi incorporada ao acervo bem mais tarde, já no Museu Histórico Nacional, “em virtude de seu porte” (como já dito, 13.941 peças, além do mobiliário original). O trabalho de inclusão na coleção numismática foi chefiado pelo Dr. Edgar de Araújo Romero em 1924, o qual substituíra o Dr. João do Rego (diretor até 1922), e “pelos técnicos da 2^a Seção de Numismática”. No entanto, parece que o sistema de exposição e catalogação das peças continuou obedecendo ao esquema do antigo oficial da Biblioteca Nacional, Miguel Abílio Borges, e só foi ligeiramente modificado pelo Dr. Romero ¹²⁴.

Temos ainda notícia ¹²⁵ de que, entre 1928 e 1929, após um balanço da inteira coleção numismática da Seção, 4.529 peças foram “postas em refugo”, provavelmente devido ao estado de conservação. Embora não conheçamos a origem de tais peças colocadas à parte da “coleção oficial”, recentemente (2007) pudemos identificar tal núcleo no atual Departamento, e dela extrair 177 moedas tidas como gregas. Tal núcleo, totalmente identificado, foi doravante denominado “Coleção Grega 2”, e os exemplares melhor conservados, inseridos neste volume.

O Museu Histórico Nacional enriqueceu ainda mais a sua coleção numismática grega com cinquenta e cinco aquisições para a Exposição Permanente *As Moedas Contam*

¹²² Para a biografia do numismata, v. BRAGA 1933, pp. 193-194.

¹²³ BRAGA 1933, p. 194.

¹²⁴ POLIANO 1946, p. 32; VIEIRA 1995, p. 102.

¹²⁵ POLIANO 1946, p. 22.

a *História*, enquanto outras treze moedas gregas foram doações da coleção privada do próprio Prof. Lago.

2 - O TRABALHO DE COMPILAÇÃO DAS MOEDAS

A partir de um projeto da autora patrocinado pela FAPERJ, foi possível iniciar, em 2006, a catalogação de todo o material numismático modernamente diferenciado tipologicamente como itálico, italiota, siceliota e grego da chamada “Coleção Clássica do Comendador Antônio Pedro”, além da realização de uma pesquisa mais profunda, nunca feita integralmente antes, com o objetivo de oferecer, seja ao público em geral, seja aos estudiosos de Numismática, as primeiras notícias sobre esta valiosa e ainda inédita coleção. Sem a pretensão de serem exaustivas, tais notícias, no entanto, abririam campo ao amplo debate e às pesquisas no âmbito científico e acadêmico.

Na verdade, as primeiras fichas que acompanham tais moedas e o 4º Livro que as registra, pertencem pelo menos aos primeiros tempos da Biblioteca Nacional, antes de 1922, e foram redigidos à pena, e com bastante rigor eu diria, para seu tempo. No entanto, o técnico (até hoje anônimo) que executou egregiamente o primeiro reconhecimento das moedas ¹²⁶, se não o próprio Comendador Antônio Pedro, tinha à sua disposição, é lógico, uma bibliografia bem anterior à sua época, como por exemplo a edição Rollin de 1864, os volumes de Babelon 1893, o Catálogo do Museu Britânico de 1873-1889, e assim por diante. Na melhor das hipóteses utilizou, por último, o catálogo da coleção Jameson de 1913; tal fato nos leva a crer que tal catalogação foi executada entre 1913 e 1921. Sendo assim, viu-se a necessidade de uma revisão geral das peças, confecção de novas fichas técnicas rigorosamente combinadas a fotos, e principalmente a

¹²⁶ É possível reconhecer a mesma letra, sem alterações, seja nas fichas que acompanham as moedas, seja no livro de registro proveniente da Biblioteca Nacional. Tal personagem, seguramente um grande erudito, redigiu exemplarmente as pequenas fichas que acompanham as moedas, e tinha profundos conhecimentos de Grego, Latim, História e Geografia da Antiguidade, e Numismática. Observa-se que muitos dos erros ou omissões na identificação e classificação encontrados nas fichas deram-se realmente pela utilização de bibliografia superada ou desconhecimento, na época, dos tipos monetários.

recolocação de inúmeras delas (erroneamente catalogadas), nos seus verdadeiros lugares ou cidades de origem, através de confrontos e comparações em bibliografia atualizada; além do pequeno núcleo monetário parcialmente sem identificação, a “Coleção Grega 2”, do qual já se falou, agora totalmente classificado.

Além disso, gostaria de salientar que pelo menos 400 moedas gregas e provinciais romanas já tinham sido re-identificadas e atualizadas bibliograficamente desde 2001, pelo já citado Prof. Luiz Correa do Lago, juntamente com a (então) pesquisadora do Departamento, Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, para compor as cinco primeiras vitrines da Exposição Permanente.

O meu trabalho mesmo, ou projeto inicial, consistiu na re-identificação, re-classificação, atualização bibliográfica das peças anteriormente fichadas na Biblioteca Nacional, e na identificação daquelas dadas como de “Origem incerta”, “Não identificadas” ou ainda “Para Identificar”, e enfim na catalogação final do material, naturalmente organizado por região, cidade, e em ordem cronológica. Tal trabalho resultou em dois volumes: o primeiro, intitulado “*Italia et Sicilia. Moedas Itálicas, Italiotas e Siceliotas*”, com um especial *Appendix* dedicado a *Massalia* e às moedas Sículo-Púnicas; o segundo, foi chamado “*Graecia e Oriente Helenizado*”, totalizando mais de 1.300 exemplares.

Desde o final de 2008, por decisão da Direção do Museu Histórico Nacional, este projeto foi ampliado, com a adição de pelo menos outras 600 moedas, entre Celtibéricas, Médio Orientais, Norte-Africanas e Provinciais Romanas, para a edição de uma “*Sylloge Nummorum Graecorum - Museu Histórico Nacional – Brasil*”, a primeira publicada em nosso país, sob minha curadoria.

Do número total de exemplares das coleções reunidas, 1.916 peças tidas como “gregas”, fomos obviamente obrigados a excluir da apresentação neste volume as moedas que pudemos atualmente identificar como sendo renascentistas, medievais e bizantinas,

as sassânidas, algumas moedas de Roma pós 211 a.C., os exemplares claramente falsos, e ainda outros exemplares (principalmente em bronze) cuja superfície, em parte reconhecível a olho nu e com recursos de iluminação, tornava-se absolutamente ilegível em fotografia.

3 – MOEDAS GREGAS ARCAICAS DA ÁSIA MENOR: ONDE TEVE INÍCIO A NOSSA HISTÓRIA

Como já deve ter sido possível constatar, diante do anteriormente exposto, torna-se muito difícil comentar, ou mesmo fazer um perfil generalizado das amoedações de “tipo grego”, provenientes de três continentes (Europa, Ásia e África), num arco de tempo que vai do final do VII séc. a.C. até o final do III séc. d.C., ou seja, cerca de 900 anos! Além disso, a rica diversidade de tais cunhagens não consentiria um comentário pormenorizado nem mesmo com a escolha de peças ditas mais “expressivas”, tendo em vista que todas, sem exceção, são de suma importância para os nossos conhecimentos de História social, política, econômica e religiosa das sociedades que bateram tais moedas.

Assim, optei por “começar do início”, ou seja, iniciar a nossa história justamente com as peças mais antigas da coleção do MHN, que coincidem e estão, com certeza, dentre as mais significativas nas cunhagens gregas: as moedas da costa da Ásia Menor.

Se formos nos perguntar qual seria a moeda mais antiga do mundo, descobriríamos que tudo depende do conceito que se faz de “moeda”. Muitas coisas consideradas “bens” (de necessidade ou de luxo) eram utilizadas como “moedas-mercadorias” desde os tempos mais remotos, como cabeças de gado, grãos ou cereais, açúcar, sal, vinho, escravos, ou pouco usuais (para nós) como conchas, ossos, peles de animais, tecidos; e ainda outros objetos variados, inclusive metálicos (utilitários como pás, facas, lanças, espetos), pois o metal era extremamente valorizado ¹²⁷. Eram chamados

¹²⁷ LAGO 2004, p. 6.

“objetos de escambos”. Além disso, encontramos ainda, em bronze, “objetos-moedas” (considerados moedas), com o formato de pontas de flechas ou delfins, por exemplo, mesmo bem depois do surgimento da moeda arredondada. Aliás, dois desses exemplares se encontram classificados como “moedas” na *Sylloge* do MHN: 1) No anverso uma ponta de flecha em relevo, e o mesmo no reverso; a peça, fundida em bronze e medindo 4,9 cm de comprimento, é originária de *Istrus (Thracia-Pontus Euxinus)* e é datada entre o VI e o V séc. a.C., isto é, praticamente um século depois do “surgimento” da moeda oval (**Figura 2** – *Sylloge* n. 908 – Doação L.A.C. do Lago ao acervo MHN). O mesmo acontece com outra peça muito interessante, que apresenta um relevo de delfim no anverso e reverso, também fundido em bronze e com somente 3,1 cm de comprimento: proveniente de *Olbia*, também nas imediações da *Thracia-Pontus Euxinus*, é datada ao pleno V séc. a.C. (**Figura 3** – *Sylloge* n. 915 – Doação L.A.C. do Lago ao acervo MHN).

A moeda como nós a entendemos até hoje é uma chapa circular metálica; no entanto, as mais antigas na verdade eram espécies de glóbulos ovalados, onde num lado, reverso, só aparece um baixo relevo (incuso ou punção) em forma quadrangular; e no outro lado principal (anverso), a figura de um ou mais animais em alto relevo. Primeiramente aparecem na Ásia Menor, na costa da atual Turquia, em regiões chamadas *Ionia* e *Lydia* (Jônia e Lídia), em torno à metade do VII séc. a.C., ou seja, pelo menos a partir de 650 a.C. Tais cunhagens surgem num contexto de centros gregos da Jônia e em ricos reinos orientais “helenizados” (digamos assim) na Lídia, e é possível que inicialmente as emissões tenham sido feitas em âmbito privado, para pagamento e comércio, e só depois passando à esfera da iniciativa das administrações públicas, isto é, das autoridades locais ou de unidades políticas mais amplas, como seus símbolos de soberania, riqueza e de autonomia. De qualquer modo estamos vivendo um momento em que a produção está voltada para a comercialização, principalmente marítima, voltada para o externo, não só especificamente no Mar Egeu, mas também em todo o Mar Mediterrâneo. Essas primeiras moedas eram feitas de um metal chamado *electrum* (eletro), uma liga natural de ouro e

prata, que se encontrava no leito dos rios ¹²⁸, o que não era uma combinação homogênea em alguns casos. Talvez por esse último motivo, logo depois surgem as cunhagens somente em ouro ou só em prata, mas de grande pureza.

As opiniões para tal datação e tal origem são um tanto divididas: grande parte dos estudiosos acredita que os primeiros exemplares tenham sido cunhados sob o reino de *Alyattes* na *Lydia* (610-561 a.C.), embora outros não descartem completamente a possibilidade de que a moeda possa ter aparecido sob seus predecessores *Ardys* (652-615 a.C.) ou *Sardattes* (615-610 a.C.). Um exemplo disso é o nosso belo “Terço de *Stater*” (gr. 4,69), em eletro, cuja origem é atribuída com muita probabilidade a *Sardis*, na *Lydia*: o anverso mostra o relevo com uma cabeça de leão à direita, com glóbulo radiado na testa; no reverso temos somente duas punções quadradas (**Figuras 4 a-b** – *Sylloge* n. 1271 – Acervo MHN). De qualquer modo, dentre as primeiras moedas das quais também possuímos um exemplar é: um “Sexto de *Stater*” ou *Hekté* (gr. 2,28), em eletro, que mostra o anverso liso e uma punção oblonga no reverso, dividida em dois quadrados; sua proveniência ainda é um tanto duvidosa, mas a maioria acredita tratar-se de uma peça originária da *Ionia* (e não da *Lydia*), e também datada ao final do VII séc. a.C., embora pareça-nos um pouco mais simplista (**Figuras 5 a-b** – *Sylloge* n. 1237 – Acervo MHN).

De fato, o primeiro animal representado em relevo do qual tenhamos conhecimento até agora é o leão, talvez não só por ser um símbolo de poder e força, mas é um motivo claramente Egeu, também por estar ligado ao culto da deusa *Cybele* ou *Megale Meter* (Grande Mãe), “mãe que nutre os leões da Frigia”, muito difundido na costa da Ásia Menor ¹²⁹. Por outro lado, outros estudiosos também não querem desvincular o leão aos cultos de *Herakles* e de *Apollon* ¹³⁰. No mesmo período, ou de

¹²⁸ LAGO 2004, p. 13; IDEM 2011, p. 9.

¹²⁹ MAGALHÃES 2008, pp. 30-31.

¹³⁰ CANTILENA 2006, p. 427.

pouco posterior, aparecem pares de leões, leão e touro, cabeças ou protomes de foca, de cervo, etc., e até de grifo (um animal fantástico) ou a imagem da mitológica esfinge.

Outra inovação surgiria também na *Lydia*, sempre em *Sardis*, possivelmente sob o reino de *Croesus* (sucessor do já mencionado *Alyattes*): trata-se do “Meio *Stater*” ou “*Siglos*”, confeccionada em prata, e é datada à metade do VI séc. a.C. (entre 561-545 a.C.); ou seja, quase 100 anos após as primeiras amoedações das quais falamos anteriormente. No seu anverso são representadas, afrontadas, as protomes de um leão (à esquerda) e de um touro (à direita); no reverso, só há uma punção (baixo relevo) em forma de dois quadrados. Podemos ver tal peça também na nossa coleção, que aparece nas **Figuras 6 a-b** (*Sylloge* n. 1272 – Acervo MHN). Sobre o símbolo do leão já falamos um pouco antes. O touro, outro símbolo de força e de poder ¹³¹, que afronta o leão, parece talvez uma alusão ao confronto entre (ou ao encontro de) dois reinos ou duas potências/unidades políticas muito poderosas e relevantes na região micro-asiática. Mas também podem ser considerados elementos figurativos míticos, onde o touro e o leão, embora rivais, também sejam complementares no céu, simbolizando Lua e Sol, respectivamente. Por fim, ainda se pensa que a dupla leão-touro seja simplesmente um símbolo da liga do próprio metal eletro, e o confronto entre ambos os animais representaria a separação de tal liga em dois metais distintos, o ouro e a prata ¹³².

Finalizamos aqui o nosso período arcaico de moedas gregas incusas da Ásia Menor com outra pequena jóia insular da coleção: o dióbolo em prata, mas de *standard* fenício (gr. 0.91), datável também ao VI séc. a.C., oriundo de *Lindus* (*Rhodus*). No anverso vemos uma protome de leão, com mandíbulas abertas, à direita, enquanto no reverso se

¹³¹ Também o mitológico touro resiste a milhares de anos no mundo Egeu e Mediterrâneo: recordemo-nos somente que já está presente nas pinturas rupestres, nas narrativas bíblicas, nos cultos egípcio e cretense, etc. (SPINOLA, 2011, *passim*).

¹³² KRAAY 1976, pp. 31-32.

apresenta somente um incuso profundo, dividido em duas partes iguais, com superfícies lisas (**Figuras 7 a-b - Sylloge n. 1270 – Acervo MHN**).

Certo é que as cunhagens gregas arcaicas, sempre incusas, irão aparecer na Grécia propriamente dita por volta de 550 a.C., iniciando-se provavelmente na ilha de *Aegina*, adjacente à *Attica* (*Sylloge* nn. 1144 a 1146 – AR / óbolos). E posteriormente se estenderá até as mais antigas fundações coloniais gregas da Sicília, como por exemplo *Himera* (*Sylloge* nn. 651 – AR / Dracma); e ainda na Magna Grécia, como na colônia aquéia de *Sybaris*, onde as primeiras moedas incusas são praticamente contemporâneas (*Sylloge* nn. 493 a 494 – AR / *Stater* e Terço de *Stater*). Mas essa já será uma outra História...

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, C.A. Antonio Pedro de Andrade (1839-1921). In: **Revista Numismática**. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, a. I, n. 3, 3º trimestre, 1933, pp. 194-196.

CANTILENA, R. La monetazione di Elea e le vicende storiche della città: limiti e contributi della documentazione numismatica. In: **Velia. Atti del quarantecinquesimo convegno di studi sulla Magna Grecia (Taranto-Marina di Ascea, 21-25 settembre 2005)**. Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2006, pp. 423-458.

KRAAY, C.M. **Archaic and Classical Greek Coins**. London: Methuen & Co. Ltd, 1976.

LAGO, L.A.C. do. **A Moeda Metálica em Perspectiva Histórica: Notas em torno de uma Exposição. 1ª Parte: De cerca de 600 a.C. ao Séc. XV d.C. Textos para Discussão**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2004. Também em www.econ.puc-rio.br

LAGO, L.A.C. do. A Coleção do Museu Histórico Nacional e a História da Moeda Metálica: as Seções “Gregas” e “Provincial Romana”. In: MAGALHÃES, M.M. **Sylloge Nummorum Graecorum Brasil I**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011, pp. 9-23..

MAGALHÃES, M.M. História e Iconografia das moedas de *Hyele-Elea-Velia* através da coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. In: **Boletim da Sociedade**

Numismática Brasileira, n. 61, 1º semestre - Atos do V Congresso Latino-Americano de Numismática. São Paulo: SNB, 2008, pp. 27-51.

MAGALHÃES, M.M. **Sylloge Nummorum Graecorum Brasil I.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011.

POLIANO, L.M. A Numismática no Museu Histórico Nacional. In: **Revista Numismática**, n. XIV, 1-4, 1946, pp. 9-32.

SEAR, D.R. **Greek Coins and Their Values.** Volumes I e II. London: Spink & Son Ltd., 2004.

SPINOLA, N. **Dinheiro, Deuses e Poder.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, R.M.L. Uma Grande Coleção de Moedas do Museu Histórico Nacional? In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 27, 1995, pp. 91-111.

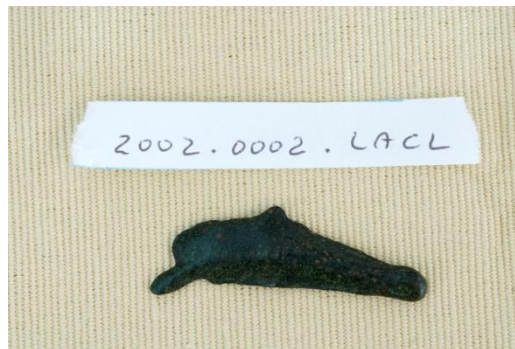
LEGENDAS DAS FIGURAS



Figura 1) Fachada do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN) e da chamada “Casa do Trem” (foto MHN).



Figuras 2) AE / Ponta de Flecha – *Istrus (Thracia-Pontus Euxinus)*, VI-V séc. a.C.



Figuras 3) AE / Delfim – *Olbia (Thracia-Pontus Euxinus)*, V séc. a.C.



Figuras 4 a-b) EL / Terço de Stater – *Sardis (Lydia)*, final do VII séc. a.C.



Figuras 5 a-b) EL / Sexto de *Stater* ou *Hekté* – Centro Incerto na *Ionia*, final do VII séc. a.C.



Figuras 6 a-b) AR / Meio *Stater* ou *Siglos* – *Sardis (Lydia)*, meados do VI séc. a.C.



Figuras 7 a-b) AR / Dióbolo de *standard* fenício – *Lindus (Rhodus)*, VI séc. d.C.